

Cartografia da Paz Armada: múltiplos sentidos da violência da pacificação em um jornal carioca¹

Tatiana Da Silva LIMA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

O presente trabalho se insere no contexto de uma pesquisa que se propõe a construir uma cartografia de discursos sobre segurança pública, violência e favela. Busca-se compreender o papel do jornalismo em “O Globo” na formação simbólica de uma “aura do medo” no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. A partir do processo da fase do processo de pacificação de favelas do Complexo do Alemão. Parte-se do pressuposto que ao narrar à violência, a mídia situa e contribui no fluxo discursivo a produção de sentidos que reforçam as ações e práticas estatais de repressão nos espaços da favela. Com a perspectiva da Análise do Discurso, buscam-se as linhas de conexão e encaixe entre o dito e o silenciado como paz, desvelando a violência do discurso de pacificação de favelas.

Palavras-chave: Medo; Pacificação; Violência; Favelas Cariocas; Jornalismo

1. Introdução

Articular historicamente o passado, diz Walter Benjamin (2008), não significa conhecê-lo como ele foi de fato. Significa apropriar-se de uma reminiscência. Benjamin nos ensina que o método do materialismo histórico é o da empatia, cuja origem está na inércia do coração. Ele propõe uma reflexão sobre com quem o historiador, em sua busca, procura estabelecer uma relação de empatia. Sua conclusão é simples. É com o vencedor que a história casa. É com ele que trocamos alianças. É pelo olhar dos vencedores que nos construímos culturalmente. Somos herdeiros, portanto, “de todos os que venceram antes” (2008, p. 225). E o conto do vencedor sempre busca beneficiar os dominadores: com a história do triunfo que cria verdades.

É a partir desse olhar que decidimos refletir sobre o jornalismo, transformado em bens culturais. Porque a história dos vencedores produzida como um bem (valor positivo) e apresentada como uma cultura também pelo jornalismo, está atrelada a um histórico

¹ Trabalho apresentado no DT Jornalismo, no GP Jornalismo Impresso, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Tatiana Da Silva Lima é doutoranda do programa de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF) – Niterói, RJ, sob orientação do professor Dr. Kleber Mendonça. Email: tatiana_lima@id.uff.br.

produzido a partir da barbárie.

O jornalismo impresso ao longo de décadas serve de materialismo histórico para marcar memória, legitimar discursos e convocar processos políticos. A profusão de discursos sobre a pacificação de favelas no Rio de Janeiro, principalmente, no Complexo do Alemão, produziu uma gama de enunciados e sentidos polissêmicos que se caracterizam como reminiscência no fluxo discursivo do jornalismo de diversas mídias. O jornal O Globo produziu durante o acontecimento um dos volumes de reportagens mais expressivos.

Por meio da “Tropa da notícia” (O Globo, 30/11/2010, p. 2) formada por 40 jornalistas entre repórteres, redatores, editores – dez deles deslocados das sucursais de Brasília e São Paulo –, foram responsáveis por um fluxo informativo de 144 páginas sobre o acontecimento em apenas nove edições: entre 21/11/2010 a 30/11/2010. Uma média de 16 páginas de conteúdo ao dia. Os desdobramentos do acontecimento também mais 23 páginas de jornal entre 01/12/2010 a 24/12/2010. Totalizando 177 páginas de fluxo informativo sobre a primeira fase da pacificação do Complexo do Alemão em 16 edições de jornais.

O mapeamento do volume de notícias mostrou ser necessário a formulação, portanto, de uma caixa de ferramentas para análise cartográfica dos discursos. Sendo assim, criamos quatro categorias interpretativas que servem de eixo para análise do jornalismo de O Globo. São elas: crime-violência; favela-cidade; medo-vigilância; e paz-conflito. Desse modo, podemos identificar o fluxo narrativo que compõe a “aura” do medo para execução das ações de pacificação do conjunto de 13 favelas do Complexo do Alemão.

A pacificação do Complexo do Alemão em novembro de 2010 trouxe à cena midiática uma representação simbólica do lugar do medo, da violência e insegurança na cidade do Rio de Janeiro. A cena de dezenas de jovens pobres, negros, armados com fuzis que atravessaram a mata da Serra Misericórdia em fuga em direção ao Complexo do Alemão, foi e é ainda hoje transmitida repetida vezes quando o tema é violência, pacificação, favela, crime, tráfico de drogas e medo na cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos (2016).

Até os dias de atuais, visitantes no pátio do Santuário de Nossa Senhora da Penha, localizada no alto do penhasco do morro do Merendiba, procuram à trilha da cena vista pela tevê. Buscam aquela imagem espetacularizada e revivem o momento apontando para uma estrada de terra batida que se pode ver bem de longe. Empunham celulares em modo

câmera para o alto, dão zoom e fotografam. No fim, suspiram aliviados ao perceberem que apenas rememoram a cena ali. Não estão vivendo concretamente aquele passado. Tampouco sentem os efeitos da pacificação em seu cotidiano.

São olhos abertos no presente, mas fechados a um enquadramento do passado. Não percebem as múltiplas histórias ali, que vão desde a falta de serviços básicos: água, luz, saneamento, iluminação, com limitada coleta de lixo, sem serviço efetivo de entrega de correspondências. Não há CEP na favela ainda que elas existam há mais de um século, esmo as pacificada – e isso diz muito sobre a gestão pública dado às favelas. Desde as histórias de mediações, conflitos, resistência, sobrevivência e luta presentes ali. Na favela não há apenas violência, mas é pela violência que no jornalismo conhecemos as favelas.

A história resgatada aqui, portanto, não tem função apenas ilustrativa. Tem o papel de apresentar o debate sobre a pacificação de favelas construída pelo discurso midiático das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), a partir fluxo informativo do jornal impresso O Globo. A história revisitada tem a função de reminiscência como ato para análise. Eis o ponto de partida deste trabalho: a violência subjetiva do discurso de paz promovido pela pacificação de favelas nos enunciados jornalísticos de O Globo. Produtor de discursos no seio da opinião pública que, enquanto linguagem, impõem uma representação social sobre as favelas como áreas violentas e de barbárie, território de guerra, formando uma “aura” do medo.

É o período que compreende a ocupação e controle e gestão do espaço por agentes públicos com apoio das Forças do Exército, o período de análise desta proposta de artigo. O período foi escolhido por representar o que compreendemos ser a primeira fase de um processo de pacificação em curso ainda nos dias atuais do ano de 2016. Também em decorrência do volume de reportagens produzidas pelo periódico.

2. Fundamentação Teórica

Os pressupostos da política do silêncio de Eni Orlandi (1992) compõem o aspecto da análise do discurso elaborada. O fio condutor da análise são os sentidos do silêncio da violência e do medo, estando o silêncio presente na materialidade do discurso como um silêncio fundante que ajuda a compreender não apenas a produção de sentidos, mas também os não-ditos presentes na materialidade textual.

O silêncio, adverte Orlandi, significa. Em todo dizer há silêncio. Isso porque, as palavras são atravessadas de silêncio; produzem silêncio. O silêncio fala por elas e as silencia (1992, p.14). Segundo Orlandi (1999), os dizeres não são apenas mensagens. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz (p.30). São vestígios, pistas da ruína discursiva, porque os sentidos tanto têm relação com o que é dito como pelo que não é dito. É fundamental, portanto, a compreensão que as palavras significam pela história e pela língua, porque a língua revela traços ideológicos (ORLANDI, 1999, p. 32). Vamos explorar, portanto, as “formas do silêncio” que produzem efeitos de sentido histórico e ideológico.

Parte menos visível do discurso de triunfo do programa de segurança pública das UPPs, tanto como solução para a violência quanto como fenômeno. Parte invisível da produção de uma “violência simbólica encarnada na linguagem e em suas formas enquanto imposição de um certo universo de sentido” (ZIZEK, 2014, p. 18). Trata-se do silêncio da violência da pacificação escamoteada dentro do próprio discurso de paz das UPPs, que silencia a ação de pacificação como ato de violência estatal sobre o espaço favelado e de sua população a partir da linguagem da violência (RONDELLI, 2000) do jornalismo impresso.

As marcas da violência da pacificação não são visíveis a olho nu, porque enquanto fenômeno não está diretamente ligada ao ato de agressão física, no código de bem cultural pelo qual estamos condicionados a decodificar a violência. Fomos treinados a perceber a violência como um ato de risco ao corpo físico, pela possibilidade do risco da morte, a reconhecer seus sinais como atos de crimes, de confrontos armados, de conflitos civis e urbanos. Sem o corpo físico inerte sem vida ou machucado, temos dificuldade de enxergar a violência. Sendo assim, para enxergar a violência da pacificação no cotidiano é necessário dar um passo para trás – talvez, mais de um. Conflitar com a obviedade do discurso da paz e da guerra elaborado como uma trama no tecido urbano simbólico do Rio de Janeiro, que evoca a violência insistentemente como chave de leitura da favela e de seus moradores, para a própria cidade, por um agente visivelmente conhecido e comum, arauto de credibilidade: o jornalismo.

Elisabeth Rondelli (2000) explica que a produção em cadeia da mídia estabelece um sentido sobre o real no processo de apreensão e relato dos atos de violência, visto que a linguagem midiática aprisiona o real e nos devolve, sobretudo, “imagens ou discursos que

informam e conformam este momento real” (2000, p. 150). Trata-se de uma linguagem cheia de sentidos da própria violência. Desse modo, olhar para o discurso da mídia é estudar a própria violência, pois “quando esta se apropria e divulga esse real, espetaculariza, sensacionaliza ou banaliza os atos da violência, atribuindo-lhes sentidos que, ao circularem socialmente, induzem práticas violentas” (idem). A mídia exerce, portanto, um papel de ator político na cadeia da produção de sentidos.

Se o sentido do real dentro da produção da mídia produz a linguagem da violência, não se pode ver o fenômeno retratado por ela apenas relacionado à violência concreta, aquela vista como ato físico da agressão ou da possibilidade de morte. A violência da pacificação está assim atrelada ao sentido de paz e de guerra agenciado na mídia a partir da linguagem como ato de comunicação. “Se a violência é linguagem – forma de se comunicar algo –, a mídia, ao reportar os atos de violência, surge como ação amplificadora desta linguagem primeira, a da violência” (RONDELLI, 2000, p. 150). Sendo assim, a questão que se apresenta é: a violência da pacificação silenciada pelo discurso de paz presente no jornalismo expressa uma outra violência subjetiva capaz de pôr a própria mídia como um executor da pacificação de favelas?

Diversas favelas do Rio de Janeiro recebem cotidianamente um enquadramento midiático³ que provoca a sensação de medo, insegurança e perigo na população em relação à favela e seus moradores. O discurso de autoridades públicas e da mídia, em geral, projeta as favelas como uma doença, um “câncer do país” (O Globo, 29/11/2011), que condiciona os moradores e a favela ao signo de inimigos. E o conjunto de favelas do Complexo do Alemão é enquadrado constantemente como essencialmente violento: *bunker* do tráfico (O Globo – “Ataque ao *bunker* do tráfico”, 25/11/2010, Rio, p.16); covil de bandidos (O Globo – “Covil do Tráfico”, 12/07/2009, Rio, p. 15), lugar “inexpugnável” (O Globo – “O empório das drogas”, 26/11/2010, caderno especial A Guerra do Rio, p.16).

A representação da favela como “território inimigo” não é apenas prática do ato de violência concreta ou do olhar social pelo qual a população favelada é percebida pelas demais classes sociais (alta e média). É também o próprio ato da sensação de (in)segurança que causa o desejo do afastamento da “fonte” do medo que se quer ter e estar. Daí, o estigma social e a segregação dos espaços favelados em forma de discursos e sentidos da

³ Enquadramento jornalístico compreendido como ato de seleção da realidade executada no texto comunicativo (*framing*), e enquadramento da memória como interpretação de dados e construção de memória oficial a um determinado acontecimento.

cidade, a ideia mítica de “cidade partida” (VENTURA, 1994).

Porque paira sobre as favelas a projeção de medo que exerce um efeito de “aura”: a “aura do medo”. Provocadora de sensações de insegurança (decodificada como o risco de ser vítima de uma violência), do desejo social de segregar as favelas e a população pobre vista como classe perigosa, da divisão do “eu” do “nós”. É por essa “aura” que o fluxo discursivo do jornalismo formula sentidos ao noticiar a violência, espraiando sensações e ordenações espaciais na cidade. Pelo noticiário da mídia, somos tomados pela experiência da violência virtual.

Tememos pela experiência da violência em nossos corpos, aceitando e evocando uma reação a esse risco sem refletir sobre as soluções encontradas ou os “efeitos colaterais” produzidos. E é a mídia que situa e constrói essa estética fixando imagens e enquadramentos sobre certos acontecimentos. É pela estética da violência que vivemos a experiência do medo, atribuindo simbolismos para os espaços da cidade identificados como violentos. A violência sistêmica passa a operar acionando modos de escamotear as reais questões econômicas e políticas, que levam àqueles espaços ao estado de violência (tornando-as invisíveis).

O medo e a mídia formam uma equação. A violência e a linguagem da violência do jornalismo produzem a identificação de um lugar como *locus* do medo. Conseqüentemente passa-se a destinar soluções concretas para afastar a causa do medo nos corações e mentes da população. Mesmo que, o resultado dessa equação matemática seja alcançado a partir de fatores que produzam efeitos sobre parte dessa mesma população a quem deveria se proteger. Há uma seletividade social e punitiva formada pela “aura” do medo, visto que como observou Richard Nixon: “As pessoas reagem ao medo, não ao amor. Eles não ensinam isso na catequese, mas é a realidade”.

O princípio guiou a estratégia política do ex-presidente americano em toda a sua carreira. “Transformou-se no *sine qua non* das campanhas políticas contemporâneas. Os marqueteiros de produtos e serviços que vão de alarmes de carros a telejornais também levam (o princípio) ao pé da letra” (GLASSNER, 2003, p.39). A cultura do medo disseminada no espaço público pela mídia está como o princípio da arquitetura de ações e operações discursivas, seja no campo da economia ou política, operando a estratégia de segurança pública de diversas cidades, inclusive, no Rio de Janeiro.

Walter Benjamin, já observara que “todos os esforços para estetizar a política

convergem para um ponto: esse ponto é a guerra” (2008, p. 195). E nada causa mais medo do que a possibilidade ou o discurso da guerra. A ponderação de Benjamin sobre a estetização de a política de guerra serve de chave para reflexão sobre o jornalismo produzido sobre a primeira fase do processo de pacificação de favelas do Complexo do Alemão. “Somente a guerra permite dar um objetivo aos grandes movimentos de massa, preservando as relações de produção existentes” (idem).

Envolto da sensação de insegurança causada pela “aura” do medo da “guerra”, parte da população não apenas aprovava, mas participava da operacionalização de “guerra”. Alia-se a convocação de uma reação do poder público junto com os jornais. Enquanto fenômeno, a estetização da política por meio da guerra, ressalta Benjamim “permite mobilizar em sua totalidade os meios técnicos do presente, preservando as atuais relações de poder” (idem).

Ações criminosas como incêndios de ônibus e carros após um arrastão na Linha Vermelha, iniciaram uma torrente midiática (GITLIN, 2003) que alteraram o acontecimento estudado. O Complexo do Alemão ao longo dos anos se tornou o alvo central e o corpo social urbano da experiência da violência. Os incêndios projetam a sensação dos efeitos desse medo como uma violência concreta próxima do “eu” que não questiona o que pode ocorrer com o “nós”.

4. Análise de Dados

No documentário *The Persuaders*⁴, o publicitário Frank Luntz, indaga: “qual é a linguagem sobre os fatos que farão o público acreditar em mim?”. E completa: “Quais são as palavras que funcionam?”. Contratado por empresas e políticos para avaliar campanhas de marketing, ele explora a linguagem como um mecanismo capaz de transformar a opinião do público por meio da abordagem discursiva. “Palavras escolhidas com cuidado fazem a diferença” é o lema de Luntz. Especialmente, segundo ele, “as palavras que nos fazem agir com emoção, porque as palavras são como fogo. O fogo pode aquecer a casa ou incendiá-la”.

A contabilidade do uso de certos termos fluxo de notícias da cobertura jornalística do acontecimento em O Globo nos dá certas pistas sobre a produção de sentidos evocada

⁴ Documentário produzido pelo canal *FrontLine*, disponível em *Youtube* <<https://www.youtube.com/watch?v=tFgFR2Mpd2Y>>. Acessado 6/6/2015.

pelo jornalismo do periódico. Nas duas primeiras semanas de repercussão do caso, no período de 22/11/2010 a 4/12/2010, a palavra "ataque" foi utilizada 102 vezes pelo jornal. "Pânico" e "medo" foram termos mencionados 94 vezes, e "terror" usado em 66 enunciados, tendo o sentido do termo variado para adjetivar supostas "ações terroristas" ou substanciar o crime como prática política de "terrorismo".

O Globo enfatiza 231 vezes que estamos em “guerra” no mesmo período do escopo de reportagens analisadas. Constrói-se o enquadramento interpretativo de sentidos da violência urbana com o uso da cartola⁵ "A Guerra do Rio" em 91 vezes. A expressão, inclusive, nomeou os três cadernos especiais publicados pelo jornal publicados nos dias 26/11/2010 (16 páginas), 28/11/2010 (10 páginas) e 29/11/2010 (20 páginas).

A expressão “A Guerra do Rio” passa a ser constantemente repetida nas ruas, em comentários publicados enviados por leitores do próprio jornal, em redes sociais, classificando o acontecimento. No caderno especial é possível enxergar passo a passo os sentidos trabalhados pelo jornal que nomeiam as categorias interpretativas: violência-crime, medo-vigilância, e paz-conflito da cobertura de O Globo. “A fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido, e no qual violência é um só tempo combatida e ampliada” (Caldeira 2000, p. 27). Isso porque o discurso funciona como lógica do social e é essa centralidade da cultura que dá a ela uma autonomia analítica, na qual podemos observar as estruturas narrativas nas quais buscamos códigos simbólicos.

O uso da expressão “Guerra do Rio” como cartola não foi um procedimento novo no jornal. O termo é acionado desde o final da década de 90. Todavia, o processo de pacificação do Complexo do Alemão, foi enquadrado com uma sutil diferença que altera o sentido e redimensiona a leitura da expressão. O artigo “a” foi acrescentado à expressão projetando o acontecimento como “A” guerra das guerras.

O modo como a mídia fala sobre a violência faz parte da própria realidade da violência: as interpretações e os sentidos sociais que serão extraídos de seus atos, o modo como certos discursos sobre ela passarão a circular no espaço do público e a prática social que passará a ser informada cotidiana e repetidamente por estes episódios narrados. Revela-se, aqui, o caráter estruturador dos discursos (RONDELLI, 2000, p. 150).

Esse sentido ao acontecimento como “A Guerra do Rio” aliada à projeção de uma "aura de medo" (O Globo, 26/11/2010, p. 15, caderno especial) sobre a cidade, aciona paralelismo com diferentes episódios históricos de guerra e conflitos armados de outras

⁵ O mesmo que retranca ou chapéu. Uma ou mais jargões usados para definir o assunto da matéria. É usada sobre o título do texto. Recurso de edição e diagramação.

cidades e países pelo mundo. Formula o fluxo discursivo que instrumentaliza a cobrança de "reação" das autoridades públicas às ações criminosas, categorizadas agora como "ataques", situando um sentido de ideologia aos grupos criminosos do Rio de Janeiro.

Em 26/11/2010, p. 15, no caderno especial "A Guerra do Rio", os atos de violência que ocorrem no Rio de Janeiro e a lógica de retomada do território da pacificação pelo Estado a três experiências em cidades diferentes: Medellín (Colômbia), (Cidade de Sadr), Ciudad Juárez (México). "Em comum, essas três cidade tinham – ou ainda têm – áreas onde a polícia não podia entrar, populações desassistidas e cenas muito parecidas com as que os cariocas viram pela TV".

Assim como no EUA, os repórteres da imprensa fluminense se utilizam do recurso da analogia de guerras ocorridas em momentos históricos para traçar paralelismo com o real Estabelece-se paralelismo não apenas com a 2ª Guerra Mundial como também com a Guerra do Seis Dias, Iraque, Medellín, México, a ocupação americana no Afeganistão. Valendo-se dessa representação da violência em contextos diferentes, mas que se unem pela linguagem da violência como imagem, O Globo, afirmar: "Foram necessários 20 anos para Medellín se livrar da aura de medo que cercava seu nome" (O Globo, 26/11/2010, p. 15).

Esse caráter estruturador do discurso está presente em todo o enquadramento do jornal: capa, manchetes, notícias, seleção de fontes, colunas de opinião, comentários de leitores, na coluna de metadiscursos do jornal ("Por Dentro do Globo"), editorializando o conteúdo informativo do jornal. Criam-se assim as dualidades que compõem as categorias interpretativas: crime-violência; medo-paz; favela-cidade; paz-conflito, propostas como eixos analíticos desta cartografia.

Houve casos de reportagens com títulos exatamente iguais de artigos opinativos publicado nos espaços editoriais do jornal. É o caso da notícia "A hora da verdade das UPPs" (23/11/2010, Rio, p.12) e do artigo "A hora da verdade" (29/11/2011, p.15) de autoria do deputado federal Alfredo Sirkis (PV). Publicado ao lado do editorial do próprio jornal com o título: "Tráfico asfixiado". Ambos os textos foram publicados dentro de um mesmo quadro intitulado: "Tema em discussão: o papel das UPPs na guerra contra o crime organizado".

A construção do jogo discursivo remete a um enunciado de crítica e contra-crítica. Porém, as opiniões se fundem em um único sentido. No olho do texto de opinião de O

Globo temos: "Ainda há um grande número de comunidades sob o jugo de bandos organizados". No texto "A hora da verdade", temos: "O Rio precisa enfrentar o desafio de acabar com o controle territorial das quadrilhas". O discurso de Sirkis é o discurso de O Globo e vice-versa. "As represálias das facções do tráfico contra a ocupação pelas Unidades de Polícia Pacificadora (...) e as operações policiais no Complexo do Alemão sinalizam a hora da verdade das UPPs" (O Globo, 29/11/2010, p. 6).

Efetivamente, "A Guerra do Rio" de O Globo tem início em 22/11/2010, após uma ação criminosa que ocasiona o incêndio de dois carros, reportados pelo jornal como um "Ataque incendiário. Bando atea fogo a 3 carros e joga granada em veículo da Aeronáutica na Linha Vermelha". Na mesma edição, o *box* "A guerra do Rio: Casal tentou salvar as alianças", p.12, agenda o medo como componente discursivo da experiência espacial da cidade, produzindo uma vitimização virtual (VAZ, 2005) da violência. A ideia do risco de morte aliada à sensação de que qualquer pessoa pode ser a próxima vítima, lança a ideia de uma rotina de violência armada e medo na cidade do Rio de Janeiro, que precisa de respostas: "Não incendiaram meu carro porque não deu tempo. Este tipo de coisa está ficando comum no Rio" (O Globo, 22/11/2010, p. 12).

A formulação da "aura" do medo é complementada pela notícia da ocorrência de dois assaltos em 33 dias classificados como "arrastões" do Jardim Botânico, zona nobre da cidade: "Guerra do Rio. Medo de arrastão altera a rotina de comerciantes nos arredores da Faro. Salão de beleza chega a trancar portas com cliente dentro ao anoitecer" (O Globo, 22/11/2010).

Barry Glassner observa que podemos entender como "cultura do medo" todas as situações fabricadas por alarmistas, tendo como seus protagonistas: a mídia, a imprensa escrita, os jornalistas⁶, os grupos ativistas, os empresários, a religião, os políticos. Entretanto, dentre esses atores sociais, a mídia está no centro do fomento à cultura do medo, destacando crimes, enfatizando a violência, adulterando números, dados estatísticos, manipulando a informação, dominando o noticiário e, principalmente, aproveitando-se das limitações das pessoas para vender o pânico como produto.

Glassner distingue os medos "válidos", aqueles que são necessários ao ser humano porque alertam sobre o perigo; e os medos "falsos ou exagerados", aqueles amplamente divulgados pelos protagonistas da cultura do medo citados acima, em especial a mídia

⁶ "Exceções há", diz Glassner (2001), porém, a mídia está no centro do culto da cultura do medo.

através dos discursos dos representantes do poder público e das escolhas editoriais. Ele classifica a mídia como um "arauto do medo". Observamos que o fluxo de discurso de O Globo sobre o acontecimento, utiliza-se tanto de "medos válidos" e "falsos e exagerados" para informar sobre a pacificação de favelas do Complexo do Alemão. Irrupendo sentidos e enquadrando as sensações, alterando a percepção do real sobre a favela, sua população, e a própria cidade do Rio de Janeiro. Depois de cinco dias de noticiário, o Rio de Janeiro está tomado pela "aura" do medo formada por medos "válidos" e medos "falsos e exagerados" ("Com medo, empresa de ônibus reduzem frota" – O Globo, 27/11/2010, Rio, p. 33).

É preciso compreender que a cultura do medo molda o cotidiano das grandes cidades desde seus contornos arquitetônicos até o comportamento de seus habitantes. O Rio de Janeiro não foge a essa estrutura. Traz essa característica por todos os lados. São portas giratórias em bancos, grades e cercas elétricas, muros altos, aparelhos de interfonos na portaria – às vezes, mais de um até, assim como mais de um portão. Câmeras de vídeo nos corredores do prédio, uso excessivo de segurança privada até em ruas públicas, vidros escuros nos carros. Por toda parte, a cidade pode ser interpretada pelo medo e a vigilância presente em seu cotidiano.

O medo transformou o espaço urbano do Rio em um ambiente militarizado. Observamos que a mídia como ato social exerce um papel de flutuação e evocação dessas catarses de medos. Processa-se assim a equação entre mídia e medo que resulta na nova "ordem" da estratégia de segurança pública da cidade, vinculando "paz" a segurança armada, formulando a violência silenciada dentro do discurso de pacificação por meio da construção de uma "paz armada".

É preciso compreender que o medo é uma categoria de construção discursiva da própria historicidade do Rio de Janeiro. Vera Malaguti⁷ (2003) revelou o medo como fio condutor de subjetividades que operam desde a formação de República. O sociólogo Barry Glassner (2001) complementa a ideia de medo que utilizamos como categoria. Coteja a ideia de Malaguti de que o medo é utilizado como ferramenta política de controle social, coerção e extermínio das massas pobres por governos, tendo a imprensa como braço

⁷ No artigo "Na periferia do medo", Vera Malaguti propõe uma discussão do conceito de medo, incluindo-o na história, tendo como marco inicial o fim da escravidão no Brasil. A autora se debruça sobre um discurso do medo, ou seja, o medo como um dado concreto (pelo aumento do número de ocorrências criminais) e como uma fantasia, em função do aumento do debate em todo do assunto.

estratégico para a aplicação dessa política.

Letícia Matheus enfatiza que consumir o medo como produto na cobertura policial exige do leitor e do fluxo narrativo a formulação de uma distribuição mental desse medo de maneira heterogênea pela cidade (2011, p. 22). A representação da desordem urbana e da sensação de segurança criada pelas lentes da mídia, faz com que cada região ou bairro de uma cidade seja classificado segundo determinados medos, ainda que o risco projetado para certos lugares também seja válido para outros e, talvez, até isentos de alguns. "Os diferentes bairros funcionam como espacializações do medo, guardando uma memória da violência" (idem).

No dia 24/11/2010 e 26/11/2010, temos exemplos dessas operações discursivas e processos sociais descritos pelos autores legitimados em O Globo. "A Guerra do Rio: Possibilidades de arrastões e incêndios a veículos fazem cariocas voltarem mais cedo para casa. Medo deixa vias livres de engarrafamentos. Ruas da Zona Sul registram fluidez no horário do rush" (O Globo, Rio, p. 19). A foto da Avenida Presidente Vargas livre do trânsito ilustra a reportagem ao lado de uma segunda imagem em que uma pessoa exibe um cartaz com a mensagem "SOS PAZ" da janela de um apartamento, na Penha.

Na coluna "Dos Leitores", o jornal se propõe a publicar a "voz" dos leitores: "pelo e-mail, pelo site do Globo, pelo celular e por carta, este é um espaço aberto para expressão do leitor". Elisabeth Rondelli (2000) alerta que a interposição do relato da mídia entre o acontecimento e a violência cria um circuito de produção de sentidos que alavanca a ação de violência como ato constitutivo do próprio fenômeno narrado, "por sustentar e a configurar opiniões, julgamentos, valores e práticas adotados a partir e/ou com referência a esses relatos sobre a violência" (2000, p. 152).

Na dimensão pública da linguagem da violência, a mídia orienta os discursos e as práticas sociais sobre a violência. "Se a violência mobilizadora e fundadora expressa conflitos, dá visibilidade a questões sociais ou políticas latentes, provoca a produção de sentidos em diversas instâncias discursivas e aciona práticas institucionais e políticas" (idem). Se O Globo enquadra o evento como "A Guerra do Rio", o leitor – ou o próprio jornal ao publicar o comentário – coproduz a repetição desse mesmo sentido nos comentários enviados para a seção de cartas, que ganhou o título "Terror no Rio":

Sim são *ataques terroristas* o que estão chamando de arrastões. As autoridades tem que reconhecer isto! Se o Exército já veio para o Rio, por tão menos, por que não vem desta vez? (...) o carioca está em *pânico*. (...). *Ataques terroristas* sim

(BRUNO DE FARIA); *Já estamos em Beirute*. De novo, de novo mais incêndios a carros nas linhas expressas importantes. Então, só resta solicitar a Força nacional de segurança ao governo federal. O que será que está faltando (LUCIO JESUS); Autoridades legalmente constituídas, vamos combater a guerrilha urbana, colocando as Forças Armadas na rua, e *fogo neles*? Faz-se necessário um basta em tudo que está acontecendo (ALTAIR SANTOS); O Rio de Janeiro vive um trágico clima de *guerra terminal*. Todas as medidas, das forças armadas às rezas para nossa senhora aparecida, devem ser usadas para salvar povo da dizimação (NELSON NOBREGA); Acuados nas favelas pelas bem-sucedidas UPPs, traficantes do Rio intensificam suas ações no asfalto. Os cidadãos de bem não aguentam mais, assaltos, arrastões (...). já *passou da hora* de as autoridades criarem as UPPAs: Unidades de Polícia Pacificadoras do asfalto (JULIO FABIO DE OLIVEIRA) (Dos Leitores – O GLOBO, 23/11/2011, p. 8, grifos nossos).

O jornal informou que mais de 700 comentários foram enviados à redação (22/11/2010, p.2) com a publicação da notícia de que “mais três veículos foram incendiados na cidade, durante a ‘onda de violência’, no Trevo das Margaridas, em Irajá, Zona Norte do Rio” (idem). A ideia de terrorismo é construída pelo jornal de forma crescente, seja pela denominação ou pela constante repetição dos termos: terror/terrorismo e ataque.

“A lógica do terror” (29/11/2010, p. 7), artigo da jornalista Aline Rabelo publicado pelo jornal, defende que há “um novo padrão de violência” no Rio de Janeiro. Trata-se da possível prática de terrorismo impetrada pelos grupos do comércio varejistas de drogas, que engendra a “transformação gradual da linguagem usada pelas autoridades” para nomear essas ações. A mudança da linguagem empregada pelo jornalismo no noticiário para a jornalista é coerente. Não pode ser interpretada como recurso “sem razão de ser”, visto que o “terrorismo precisa ser entendido, antes de tudo, como um método”. O Globo publica a defesa da filiação da linguagem da violência que incorporou. Uma recurso que passou a ser usado constantemente por diferentes mídia após o evento do 11 de setembro americano e a Guerra do Golfo.

A guerra se torna um grande show a partir do momento em que as vítimas não são vistas pela opinião pública. Ninguém se lembra de ter visto cadáveres na Guerra do Golfo. No entanto, depois, soube-se que muita gente morreu durante os ataques dos Estados Unidos. Em 1996, quando o jornalista Peter Arnett, da CNN, veio lançar um livro no Brasil no programa Roda Viva, disse que entendia a posição do governo de esconder informações e fatos. (...) A Guerra do Golfo (91) marcou um ponto de inflexão. Quem assistiu pela TV não viu ninguém morrer, como uma guerra limpa. Mas hoje sabemos que mais de 130 mil morreram. (José Arbex, Observatório da Imprensa, 29/10/2011)⁸.

Barry Glassner ressalta que os jornalistas de “mídia impressa” usam uma tática para

⁸ Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp3110200192.htm>. Acesso em 13/7/2016.

a disseminação do medo que consiste em “vaguear por diversos parágrafos de narrativas alarmantes em primeira pessoa, advertências e perigos, selecionando a presença do medo como ato social da notícia ou artigo, para informar ao leitor somente no final sobre os danos colaterais da política” (2001, p. 42) empregada por autoridades, como a ocorrência de mortes de pessoas ou a ideologia por trás das notícias. Pondera que a imprensa tem a função de não alimentar a propagação do medo é uma boa paráfrase para estabilizar os sentidos e legitimar um discurso ideológico.

No evento do Complexo do Alemão, também temos a ausência de corpos, nomes ou reflexão sobre os “efeitos colaterais” da “A Guerra do Rio” no jornalismo feito por O Globo. Procuramos enunciados sobre as mortes ocorridas no jornal. Encontramos vestígios em rodapés de páginas. Dento do período analisado, entre 21/11/2010 a 4/12/2010, encontramos 38 mortes, mas elas figuravam apenas como uma informação incluída nas últimas linhas de uma notícia, mesmo quando era a manchete da matéria: (No Jacarezinho, 7 bandidos mortos, 26/11/2010, p.5).

Apesar da manchete, no corpo do texto, não há qualquer informação sobre como, quem eram ou em que situação ocorreu essas mortes. Também não há imagem. Em 5/12/2010, o jornal Folha de São Paulo, traz denúncia sobre mortes no processo de pacificação do Complexo do Alemão, bem como a denúncia de possível execução sumária de pessoas e que pessoas mortas nas operações tiveram seus corpos foram comidos por porcos na notícia “Onde estão os mortos?”.

Considerações finais

Nossa intenção com essa pequena cartografia da mídia, um fragmento de uma pesquisa maior, foi demonstrar a sobreposição de sentidos da violência da pacificação que silencia o real da cidade: os problemas de desigualdades, a criminalização dos espaços favelados da cidade, as práticas estatais violentas, bem como o papel do jornalismo como um ato social no fenômeno da violência e no cotidiano no campo da segurança pública. Projetados no discurso do jornal O Globo, enquadramentos interpretativos se tornam argumento no fluxo discursivo como condicionantes da necessidade do programa pacificação de favelas para o estabelecimento de uma suposta paz na cidade.

Também demonstrar como o jornal se tornou um ator político do processo de pacificação que segue em andamento ainda nos dias de hoje, além de um ato social da

construção do imaginário e da memória social desse lugar chamado Complexo do Alemão. Produzindo visibilidade, mediação e legitimação, o jornal criou verdades sobre as UPPs e uma forte imagem midiática e simbólica do programa como a solução possível para o quadro de violência armada. Filiando-se ao discurso do poder estabelecido e práticas estatais de controle da ordem, que não problematizam a violência institucional para obtenção dessa suposta “paz” idealizada, outorgando aderência de discursos de credibilidade política às UPPs.

Através do discurso de paz, "A Guerra do Rio" se mantém o imaginário da "cidade partida" promotora de disputa simbólica de sentidos de hegemonia histórica sobre a memória social do Rio de Janeiro. Tanto na política como na arena pública que causa a deslegitimação de uma reflexão real sobre segurança pública. O jornalismo de O Globo se mostra como porta-voz de diferentes memórias silenciadas por reportagens editorializadas "que nos leva a construção de vários Rios do medo" (MATHEUS, 2011, p.23).

É nessa produção de sentidos e de práticas sociais construídas na dualidade entre a metáfora de "paz" e a de "guerra" atribuída ao programa de UPPs, que se tornou possível à convivência de duas linhas de atuação na política de segurança do Rio de Janeiro: a promotora de paz com as UPPs, e de guerra, aquela que enfrenta o tráfico de drogas em favelas ainda não pacificadas. Ou ainda, o redirecionamento dessa mesma prática de “enfrentamento armado” em favelas pacificadas como o Complexo do Alemão, que mostram a fragilidade da estratégia de “retomada de território” das UPPs com a ocorrência de conflitos diárias entre a polícia e o tráfico de drogas. De acordo com o jornal comunitário Voz da Comunidade, mais 22 pessoas foram atingidas por balas no Alemão, sendo 10 mortos e 12 feridos, em 2015. Somente este ano, até o fechamento deste artigo em 13/7/2016, já ocorrem à morte de 11 pessoas, sendo um policial e houve 22 feridos por tiros. A sigla UPP se dispõe a definir o que é: uma Unidade de Polícia Pacificadora e não uma Unidade de Políticas Públicas (FRANCO, 2015), principal argumento de O Globo para legitimar o programa das UPPs e a pacificação de favelas em seus noticiário.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2008, 3.ed.
- CALDEIRA, Teresa Pires. **Enclaves fortificados**: erguendo muros e criando uma nova ordem privada. Editora 34/Edusp, 2000.

- FRANCO, M. **A Redução da Favela a Três Letras**: uma análise da política de segurança pública do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado. Niterói: PPGADM-UFF, 2014.
- GITLIN, T. **Mídias sem limite**: como a torrente de imagens e sons domina nossas vidas. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003.
- GLASSNER, B. **The Culture of Fear**. New York: Ed. Perseus Books Group Francis, 2003.
- MATHEUS, L. C. **Narrativas do Medo**: o jornalismo de sensações além do sensacionalismo. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.
- ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora Unicamp, 1992. 3.ed.
- RONDELLI, Elizabeth. **Linguagens da violência**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- VAZ, Paulo; POMBO, Mariana. **Risco e sofrimento evitável**: a imagem da polícia no noticiário de crime. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Dezembro, 2005. Disponível em: <<http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/46/46>>. Acesso em 17 out 2014.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ZIZEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.